

LITERATURA E TRAJETÓRIA SOCIAL DAS MULHERES EM CABO VERDE: A ESCRITURA DE AUTORIA FEMININA OU UM OUTRO OLHAR SOBRE O ARQUIPÉLAGO

SIMONE CAPUTO GOMES

Universidade de São Paulo- Brasil

simonecaputog@usp.br

Resumo

Análise da trajetória social das mulheres em Cabo Verde, das ações afirmativas para a emancipação feminina e de seu impacto na Literatura, especialmente no que diz respeito à autoria poética e ficcional e à visibilidade num cânone, por longo tempo, eminentemente masculino.

A partir do exame de textos literários produzidos por mulheres, terão destaque outras perspectivas sobre as feminilidades e as masculinidades, novas subjetividades e enfoques dos cotidianos femininos representados nas obras de pioneiras como Antónia Gertrudes Pusich e de escritoras que propõem outros olhares acerca dos papéis sociais das mulheres e das relações de gênero na sociedade cabo-verdiana: Maria Helena Spencer, Orlanda Amarílis, Ivone Aída, Maria Margarida Mascarenhas, Fátima Bettencourt, Dina Salústio, Vera Duarte, Ondina Ferreira.

Face à produção masculina, que enfoca predominantemente temas como a restrição das mulheres ao lar, ao espaço privado e à maternidade, o machismo, a santidade feminina *versus* a sensualidade, a prostituição, o aprisionamento na beleza e eterna juventude das Vênus e seu distanciamento do real cotidiano, a produção feminina trabalha questões candentes da vida cabo-verdiana como o desmascaramento dos discursos de poder androcêntrico, a necessidade de auto-reflexão sobre as estratégias patriarcalistas de dominação, a violência contra a mulher, a loucura, a maternidade precoce, a pedofilia, as mulheres chefes de família, o elevado número de filhos, o envelhecimento da mulher, o centramento no trabalho e cotidianos femininos.

Uma abordagem analítica interdisciplinar, com base no feminismo conjugado à hermenêutica do cotidiano, fornecerá subsídios para a compreensão de como, na série literária cabo-verdiana, a produção das mulheres passa a adquirir um estatuto de constância e qualidade que lhe dá destaque na história da literatura daquele país, inaugurando novas dicções e aprofundando problemáticas que tocam não somente às mulheres de Cabo Verde, mas a todas as mulheres do mundo e aos objetivos do milênio que se referem aos estatutos da mulher e da criança.

Palavras-chave - Literatura cabo-verdiana, trajetória social das mulheres, escritura de autoria feminina

*

*Imagens que reconheço mas que a câmara não captou como eu vi, como vejo ainda.
Outro olhar.*

Almeida, 1993: 63

Sempre que se pretende examinar um fenômeno, é preciso estabelecer recortes e, conseqüentemente, limites. Partindo dessa reflexão, lembramos que as pesquisas sobre a produção feminina, campo em que se situa o nosso trabalho, objetivam, sobretudo, dar **visibilidade** e **voz** à historicidade das mulheres. Desenham, à luz da história das mentalidades e da história do social, uma **história de olhares situados**¹, mas sem o intuito de propor afastamentos ou fomentar pré-conceitos.

A perspectiva (neo)feminista concebe a construção do objeto a partir da politização do lugar de enunciação, preocupando-se em traçar uma história cultural dos espaços e identidades femininas, bem como das modalidades de relações entre os sexos sociais. Necessário frisar que estas relações não partem de critérios

¹ Marcados por *lugares* como gênero, raça, classe, etnia, orientação sexual, geografia, etc.

de exclusão (estigma veiculado a leituras refratadas das posturas do primeiro feminismo), mas de inclusão, acolhendo as novas masculinidades possíveis em tempos de alargamento das esferas de ação da mulher. A identidade de gênero define-se, portanto, na experiência compartilhada.

Investigar a escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde supõe, pois, compreender em que solo sociocultural as iniciativas se fundam.

Com o propósito de desenvolver condições jurídicas e institucionais que reforcem a possibilidade de a mulher exercer seus direitos de cidadania, o governo cabo-verdiano tem defendido a aplicação de dispositivos legais de combate à discriminação e à violência física/psicológica contra a mulher, e ainda promovido programas específicos de combate ao desemprego feminino.

O incentivo às organizações não governamentais que objetivem proporcionar à mulher maior afirmação e aumento de poder de intervenção na sociedade e o apoio ao Instituto da Condição Feminina, hoje designado Instituto Cabo-verdiano para Igualdade e Equidade de Gênero (ICIEG), dotando-o de recursos que lhe permitam promover a igualdade de oportunidades e nas relações de gênero constituem medidas levadas a cabo pelo governo, que tem dado prioridade ainda, nas ações, às mulheres chefes de família e mães sem apoio conjugal, favorecendo-se a sua educação, formação profissional e obtenção de habitação própria.

O Programa Nacional de Luta contra a Pobreza e seus subprogramas, especialmente o do Desenvolvimento Social das Mulheres, têm tentado reduzir, com prevenção, a maternidade precoce e a paternidade irresponsável, assim como aumentar os rendimentos das famílias chefiadas por mulheres.

Face a um longo histórico de maciça emigração masculina (pela premência, sobretudo, do sustento das famílias em épocas de longas secas, agravadas pelo descaso colonialista e por conflitos mundiais que diminuía muito as ajudas internacionais que aportavam no arquipélago) justifica-se também a atenção dispensada pela sociedade cabo-verdiana à problemática das mulheres, bem como a valorização crescente de sua participação na vida econômica, política e cultural.

A longa existência da OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde) e a diversificação de suas ações socioeconômicas, educativas e de animação cultural apontam para este movimento de expansão e dignificação.

Numa sociedade eminentemente agrícola, reconhece-se cada vez mais a importância do trabalho feminino na realização de tarefas como a sementeira, a colheita, o descasque e a transformação do produto, além de recolher água (percorrendo longos trajetos), transportar lenha e cana para o fabrico do grogue, fazer funcionar o fogão de três pedras (gastando muitas horas de seu dia), carregar pedregulhos ou latões de cascalho à cabeça na frente de abertura de estradas. Além de valiosa mão-de-obra nos campos e de

cumpridora dos trabalhos domésticos e funções familiares (como mãe e chefe), a mulher é força atuante no resgate e na preservação do património cultural do Arquipélago.

Na cultura crioula, alicerçada na mestiçagem, o encontro das práticas africanas com a religião católica mantém-se pela ação feminina, que conservou os costumes do batizado, da boda, do culto ao padrinho e à madrinha, junto às superstições e práticas mágicas, ao recurso às botadeiras de sorte. Segundo Gabriel Mariano, a contribuição da mulher negra, da doçaria e da culinária “se estende a todas as manifestações da vida cabo-verdiana. Contribuição principalmente de brandura, de amaciamento, de lirismo, de musicalidade” (Mariano, 1991: 76).

A língua nacional, o crioulo, bem como as práticas e comportamentos são transmitidos pelas mães às crianças. Por via feminina são preservados o artesanato (rendas, bordados, cestos, artefactos de barro), a medicina tradicional (curandeirismo, parteiras, com seu cachimbo, remédios caseiros, rezas e estórias), o fabrico do sabão de purgueira, a culinária com função identitária (confeção dos pratos tradicionais, cachupa, pirão, xerém), e ainda o pilão² e a tabanca.

A manutenção da tradição oral dos contos fantásticos da boca *di tardi*, dos coros femininos que atuam nas cerimônias fúnebres³ e nas guisas (comunicação da morte), da morna, do batuque⁴, das *finason* e cantigas de trabalho entoados (e muitas vezes compostos) pelas cantadeiras tradicionais consagram, enfim, a mulher crioula como guardiã da memória e grande transmissora da cultura. A morna tradicional⁵, manifestação musical preservada pela mulher do povo, canta o trabalho na lavoura, a lavagem de roupa, o carregamento de mercadorias; a morna contemporânea, cuja musa é a Cesária Évora dos pés descalços, canta o amor (*crecheu*), a saudade, os povos irmãos africanos, o Caminho para S. Tomé:

As cantadeiras das ilhas, ao lado das escritoras que ora estudamos, criam e /ou perpetuam as manifestações culturais cabo-verdianas _ semeiam em pó suas mornas nas noites. Movendo-se entre o contar e o cantar, confundindo-se com a Terra, vão tecendo e semeando o passado e o futuro. Por isso,

Em nossa investigação temos apresentado um mosaico de olhares femininos sobre a realidade das ilhas - seja expresso na poesia⁶, seja em prosa - , assumindo a temporalidade histórica do tema e tentando acompanhar a escritura literária na apreensão do ser através da experiência vivida, do cotidiano em transformação. A escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde tem procurado empreender a

² Quando as mulheres pilam o milho, símbolo da identidade nacional, para preparar o *xerém*.

³ As mulheres, além de terem a missão do choro, abrem o cortejo fúnebre e cantam os *requiems*.

⁴ Executada por mulheres que tocam percussão em panos, bolsas e garrafas de plástico, batendo nas coxas.

⁵ Originada através do canto de uma solista acompanhado por um coro feminino, segundo Vasco Martins, 1988: p 18-19.

⁶ Em trabalhos anteriores. Vide GOMES, 1995a, 1995b.

viagem ao espaço crioulo, notadamente aos “mundos” habitados e criados pela mulher, que têm por base a casa como metáfora nuclear, a imersão no espaço privado e no pessoal.

Antónia Gertrudes Pusich (S. Nicolau, 1805-1883), referida por Manuel Ferreira como um dos primeiros autores africanos lusófonos a publicar e alcançar prestígio nos meios literários⁷, começa a compor a galeria de escritoras que vai mudar o “rosto” do cânone cabo-verdiano, marcadamente masculino. Dentre elas, podemos citar, com produção poética: Maria Luísa de Sena Barcelos (ou Africana) e Gertrudes Ferreira Lima (Humilde Camponesa) são poetisas que com ela participam no *Almanach de Lembranças Luso-brasileiro* (1851-1932). Sílvia Crato Monteiro e Yolanda Morazzo (1928) vão dando maior visibilidade à produção feminina, com sua colaboração no Suplemento Cultural. Morazzo, pelos anos 60, canta a terra cabo-verdiana (S. Vicente), diversificando posteriormente a ambiência do seu discurso com a radicação em Angola.

Mais próximas de nós, algumas com tímidas tentativas na Revista *Mujer* (da OMCV), outras com textos antologizados em *Canto liberto* (1981) e *Mirabilis: de veias ao sol* (1991), ou com livro próprio, Alice Wahnnon Ferro (1940, S. Vicente), Alcía Borges (1966, S. Vicente), Ana Julia Monteiro de Macedo Sança (1947, Santiago), Arcília Barreto (1945, S. Vicente), Dina Salústio (Bernardina Oliveira, 1941, Santo Antão), Eleana Lima (1965, S. Vicente), Eunice Borges, Lara Araújo (ou Madalena Tavares, 1951, Sal), Lídia do Rosário (1961, S. Nicolau), Luísa Chantre (1964, Sal), MG’Nela (1959, S. Vicente), Manuela Fonseca, Margarida Moreira, Maria José da Cunha (Ilha Brava), Nely (1964, Santo Antão), Paula Martins (1957, Santiago) e Vera Duarte (1952, S. Vicente) dão continuidade à tarefa de construir um discurso poético feminino em Cabo Verde⁸.

Em prosa, transitando por vários gêneros _ conto, crônica, romance, novela, ensaio _, a escritura literária de autoria feminina segue um “projeto” claramente vinculado às vivências do cotidiano cabo-verdiano (vidas vividas), retratando-o em diversos níveis: regional, nacional, na diáspora e/ou lançando-se para o universal, sob o crivo da história ou da memória. Destacamos, na prosa cabo-verdiana: Leopoldina Barreto (1937, S. Nicolau), com o romance *Monte Gordo*, 1997; Maria Helena Spencer (1938, S. Vicente), com textos sobre a experiência cotidiana da mestiçagem e da emigração no periódico *Cabo Verde*; Maria Margarida Mascarenhas (MMM, 1938, S. Vicente) figura em *Sêlô, Cabo Verde e Presença Crioula*.

Logo de início, apresenta a mulher e as relações familiares, tanto no espaço insular (de seca e fome) quanto na diáspora. Seus retratos de mulher são antológicos:

Conceição amava o deserto. Buscava sempre as achadas descampadas para brincar. O Mar nunca. Banhava-se no pó, sentia as pedras e brincava com as nuvens em permanente mutação ao sabor do vento.(...)

⁷ Lisboaetas, no caso. FERREIRA, 1977: 13.

⁸ Sobre o qual, neste momento, não nos vamos deter.

Quando as nuvens açuladas pelo vento doido cabriolavam no céu, projectando sombras velozes, Conceição corria desafiando as nuvens, desafiando o vento. (...)

Conceição irrompendo naquela paisagem de sol transparente que crestava a pele, as roupas, o lixo... O pó triturado, farinha solta arrastada pelo vento, mascarando as casas e a palha das coberturas. A poalha nas gentes e nas coisas. A Ilha enfarinhada, crestada como os pães nos cestos de madrugada. (...)

Quase todos correndo para o Mar. E Conceição sob o sol virada para a Terra. Fincada no chão das Achadas, decorando as pedras.

Mascarenhas, 1988, pp14-15.

Crianças “truncadas”, moças “exploradas”, gravidez precoce, filhos sem pai, preconceitos são *leit-motifs* dos textos de autoras cabo-verdianas que ganham destaque, por exemplo, no conto Toia, grito de protesto contra a condição feminina:

Sempre pensei escrever a tua história, TOIA, num dia de raiva e nunca num dia de desencanto e cansaço. Queria atirá-la em forma de grito. (...) Queria que esse GRITO repercutisse para além do infinito e que encontrasse eco em cada ser universal. (...) queria levantar e gritar de novo a história de outras tantas Toias.

Mascarenhas, 1988, p. 32

Do grupo de *Certeza*, Orlanda Amarílis (1924, Santiago) presenteia o leitor com três antologias de contos, em que sobressai a literatura de migrante-mulher, repartida entre o espaço lisboeta (representado pelo Cais-do-Sodré) e a terra-mãe (representada por Salamansa), ou entre ficar no Mindelo, debandar para S. Tomé ou emigrar para a América, Portugal, França, Suíça.

Das mais antologizadas e estudadas⁹ escritoras africanas, Orlanda, como ressalta Benjamin Abdala Júnior, é uma contadora de causos, sobretudo através de vozes femininas¹⁰. A preservação da memória, personificada pela personagem Bia Antónia, leva Orlanda a desfiar seu ror de estórias, imergindo na poética do cotidiano cabo-verdiano, criando sínteses magistrais de apresentação da cultura crioula pela ótica feminina. O conto “Esmola de Merca” desenvolve um tópico frequente na escritura de autoria feminina _ a tragicidade da condição de um povo (representado por suas mulheres) que necessita recorrer a medidas drásticas para a sobrevivência:

O povo fora-se juntando do lado de fora. Aguardava. Não fora preciso avisá-lo. Ainda o vapor não havia alcançado o ilhéu Raso e já ele sabia: a esmola dos patrícios vinha pela Baía dentro. Na sua maioria eram mulheres velhas, andrajosas, de olhos encovados e cabelo engasgado pelo pó e falta de pente, escondido debaixo do lenço vincado de tanto uso. Parte delas viera arrimada ao seu pau de laranjeira, desde a Ribeira Bota, a arrastar os pés descalços e gretados.

Amarílis, 1991, p.53.

Ivone Aida (S. Vicente) reapresenta cena semelhante no conto “Sábado Nossa Senhora”, que dá título ao volume *Vidas vividas* a partir do mote: “E um ror de velhinhas desfilando/ Olhares tristes, mãos estendidas/

⁹ Conferir SANTILLI, 1985; NASCIMENTO, 1997; TUTIKIAN, 1999; CARVALHAL & TUTIKIAN (org), 1999.

¹⁰ Os livros de Orlanda Amarílis oferecem-nos um verdadeiro desfile de narradoras e personagens femininas.

Que vidas mal vividas!” (RAMOS, 1990: 59). Nha Joana, com o canhoto na boca desdentada, e Nha Chica encabeçam o séquito de velhinhas que esmolam pela cachupinha de todos os dias.

Chegou Sábado o dia das esmolos. Da Ilha da Madeira Fonte de Filipe e Fonte Inês, as velhas começaram a descer para a morada. Ponto de encontro, a calhar. (...) A pouco e pouco as velhas foram formando grupos de seis, sete e até dez pessoas e enfileiravam-se às portas das lojas esperando. (...) Algumas traziam crianças pelas mãos, iniciando-as já, nessa vida de peditório e miséria.

Amarílis, 1991, p.66

Fátima Bettencourt (1938, Santo Antão), em *Semear em pó: contos*, também constrói as narrativas a partir da presença feminina, colocando-a sempre em relação com personagens-chave do círculo familiar ou do mundo crioulo.

O título da obra, amplo, pode aludir ao trabalho agrícola –a sementeira, trabalho de Sísifo na terra seca, heroísmo de um povo que precisa inventar a água todos os dias –, às tarefas ligadas à tecelagem, em que as mulheres separam, cardam, fiam a lã, confundindo-se com a sua poeira, à tecedura do texto, contado ou escrito, à transmissão das histórias de geração a geração.

As linhagens oriundas de mulheres são registradas através de uma rica diversidade de rostos, como sublinha a autora numa crônica. Vale contemplar o rosto de Augusta, empregada doméstica bonita e alegre, que autobiografa sua vida amorosa através do “Segredo compasso” (título do conto) das coladeiras. Cantando versos crioulos no ritmo quente, sensual, Augusta deixa transbordar suas paixões, que acabam em gravidez e filho(s) sem pai.

Toda ela era energia pura, os pés descalços não paravam quietos, com os braços roliços abraçava o próprio busto num visível esforço para se conter. Irradiava dela uma chama que na época eu não soube compreender mas agora não me surpreende que se mantivesse acesa e nítida nas minhas lembranças de muitos anos atrás. (...)

Minha mãe, meio desconfiada de tanta alegria de viver, resmungava contra o conteúdo duvidoso de algumas músicas de sua preferência. Até que um dia ela não apareceu no trabalho e mandou uma prima avisar de que estava passando mal por causa da gravidez.

Bettencourt, 1994, p. 34.

Fátima Bettencourt maneja com mestria a estratégia de combinar tragicidade e humor, objetivando a crítica social¹¹:

(...) o homem que arranjou levou-a para Santo Antão e pô-la a trabalhar na estrada onde apanhou uma tuberculose. (...) Acabou morrendo, deixando o primeiro filho pois o segundo se fora por conta de uma diarreia ao sol e ao vento das estradas do Porto Novo. A minha mãe tomou conta do garoto e criou. É um dos meus irmãos adotivos. Vive na Suécia, dedica-se à música nas horas livres, um gosto que certamente apanhou quando boiava no útero materno.

Bettencourt, 1994, p. 36.

A obra de Dina Salústio (1941, Santo Antão) faz coro com a de Fátima Bettencourt quanto aos procedimentos de resgate da cultura tradicional e do exame agudo das chagas sociais; seus contos, “que

¹¹ Confira ainda *Mornas eram as noites*, de Dina Salústio.

condensam a trama em curta-metragem” (SPÍNOLA: 1998, 205), reiteram a associação da prosa com o poético ao dar relevo à morna, modalidade musical típica de Cabo Verde, que veicula a poesia oral. Tradicionalmente canto de mulher, o entendimento do lugar cultural da morna no mundo cabo-verdiano pode derramar outras luzes sobre a significação do título do livro: "música eram as noites" é uma leitura para "Mornas eram as noites". Música de mulheres, em que a mulher é a peça principal¹². Para além, música de nacionalidade e identidade. Como preâmbulo à coletânea, a autora assinala: “...De como elas se entregaram aos dias.”

Verdadeiro livro-ícone da assunção da voz e da ação femininas (do silêncio ao grito) no mundo crioulo, canto/conto de mulher sobre a mulher cabo-verdiana, *Mornas eram as noites* apresenta-nos a cumplicidade e a curiosidade femininas, o machismo e sua revisão crítica (por parte da mulher e do próprio homem), a liberdade (adiada ou assumida), a loucura, a bruxaria, a bebedeira, a prostituição, a maternidade precoce, a violência conjugal, as crianças abandonadas, a miséria e a delinquência infantil, a pedofilia, entre outros temas.

O conto Álcool na noite, que motiva (ou glosa?) o título da coletânea¹³, expõe a tragicidade da vida de muitas mulheres em Cabo Verde:

A noite estava serenamente calma e o calor convidava a estar-se a olhar para as estrelas, preguiçosamente (...). De lá das bandas do cemitério uma voz canta uma morna. Tudo normal se a voz não parecesse sair dos intestinos de algum bicho em vez de uma garganta humana, por muito desafinada que fosse. Era de uma mulher, reconheci com mais cuidado. Aliás, eram as vozes de duas mulheres. A segunda faz coro com obscenidades e a desarmonia, o desleixo transparecido e o despudor agridem os ouvidos. (...) Vêm-se aproximando. E estão bêbadas. (...) Sinto raiva. Agora posso vê-las no arco iluminado pelo candeeiro. Parecem-me jovens. (...)

A noite não tinha mais magia. Acho que nem estrelas. (...) vou pensando, enquanto desço as escadas. E os passos falam vergonha, humilhação e revolta. E pena.

Salústio, 1994, p. 46-47

O conto "Campeão de qualquer coisa" (ou de coisa nenhuma), centrado na relação entre os sexos, vai desvelar os dilemas do homem, sua hesitação entre a sensibilidade e os comportamentos competitivos dele esperados pela sociedade:

Ensinarão-nos que devíamos ser heróis de qualquer coisa. Exigem que façamos permanentemente exercícios de auto afirmação. Não nos educaram para corajosamente debatermos os nossos medos, falhas, hesitações, infernos. Apetrecharam-nos com o mito de super-machos e esperam que sejamos sempre vencedores, fazendo-nos inimigos da própria maneira de estar, escamoteando a verdade, falseando as fronteiras. E porque somos apenas normais e temos vergonha da nossa normalidade, passamos o tempo todo a pensar numa roupagem que impressione. E vestimo-nos de atletas, mascaramo-nos de campeões, para, às escondidas, chorarmos a nossa simplicidade. (...) Não temos coragem para dizer não sou o melhor e não tenho que o ser, em justificar-me da minha fragilidade.

¹² Interessante comparar com o conto *Zinda ó grogue nha sina*, de Ivone Aida, que também se estrutura em torno e a partir da *morna*.

¹³ Conferir nota 8, o coro que acompanha a solista na *morna*. Grifos nossos.

Entrar em competição com as minhas fantasias e as dos outros seria sinal de simples imaturidade e falta de respeito por mim próprio _ prosseguiste descontraído, quase a rir.

Salústio, 1994, p. 12.

Frente às novas masculinidades possíveis, facultadas em parte por uma mudança estreitamente vinculada à sua assunção como sujeito, a mulher pode também rever suas perspectivas de apreensão do masculino. Um novo horizonte de relações se delineia: “Hoje lembrei-me de ti e pensei como podemos ser tão bonitos quando conseguimos ser nós próprios, homens ou mulheres.” (Salústio, 1994, p. 12)

Assim, de forma sintética, tentamos acompanhar a produção literária de autoria feminina em Cabo Verde, ressaltando a importância da oratura e da Literatura como filtros para onde confluem as imagens da criouldade. Concebendo a mulher como sujeito produtor da História, as escritoras cabo-verdianas vêm pintando e tecendo quadros vivos, costurando retalhos que nos permitem conhecer um pouco mais do cotidiano do seu povo e do seu país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABDALA JR., BENJAMIN et alii (org). 1999. *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa*. Porto Alegre: UFRGS.
- ALMEIDA, S. 1993. *Depois telefone*. Novela. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro.
- AMARÍLIS, O. 1991. *Cais-do-sodré té Salamansa*. Linda-a-Velha: ALAC.
- 1983. *Ilhéu dos pássaros*. Lisboa: Plátano.
- 1989. *A casa dos mastros. Contos cabo-verdianos*. Linda-a-Velha: ALAC.
- BETTENCOURT, F. 1994. *Semear em pó: contos*. Praia: ICL.
- DIAS, M. O. L. da S. 1994. “Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças”. In: *Estudos feministas*. UFRJ/CIEC: 373-382, 2^o. Sem.
- DUARTE, V. 1993. *Amanhã amadrigada*. Praia: ICLD.
- FERREIRA, M. 1977. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, V.1.
- GOMES, S. C. 2008. *Cabo verde: literatura em chão de cultura*. 1. ed. Cotia-Praia (Cabo Verde): Ateliê Editorial-UNEMAT e Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- 2000a. “A louca de Serrano, de Dina Salústio”. In: *Metamorfoses*, Revista da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-afro-brasileiros/UFRJ. Lisboa: Cosmos: 277-281.
- 1998. “Mulher, Cultura e Literatura”. Revista *Pré-Textos*. Praia: Associação dos Escritores Cabo-verdianos, dezembro: 27-35.
- 1995a. “Cabo Verde: rosto e trabalho femininos na evolução da Cultura e da Literatura”. In: *O rosto feminino da expansão portuguesa. Actas*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, (2): 275-284.
- 1995b. “Feminino e poesia africana de língua portuguesa”. In: *V Seminário Nacional Mulher & Literatura*, Natal: UFRN: 333-340.

- . 1993. *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco. Coleção TESE.
- LOPES FILHO, J. 1995. *Cabo Verde: retalhos do quotidiano*. Lisboa: Caminho.
- MARIANO, G. 1991. *Cultura caboverdeana: ensaios*. Lisboa: Vega.
- MARTINS, V. 1988. *A música tradicional cabo-verdiana I. A morna*. Praia: ICLD.
- MASCARENHAS, M. M. 1988. *...levedando a ilha. Linda-a-Velha: ALAC*.
- RAMALHO, C. (org). 1999. *Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Prefácio de GOMES, Simone Caputo. Rio de Janeiro: Elo.
- RAMOS, I. A. F. 1990. *Vidas vividas*. Mindelo: OMCV.
- SALÚSTIO, D. 1994. *Mornas eram as noites*. Praia: ICLD.
- . 1998. *A louca de Serrano*. Praia: Spleen.
- SANTILLI, M. A. 1985. As mulheres-sós de Orlanda Amarílis. In. *Africanidade*. São Paulo: Ática: 107-111.
- TUTIKIAN, J. 1999. *Inquietos olhares: a construção do processo de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis*. São Paulo: Arte & Ciência.